

## JOÃO ANTÔNIO: CORRESPONDÊNCIA COMO ARQUIVAMENTO DE SI

Doutoranda Telma MACIEL da SILVA<sup>1</sup> (UNESP/FAPESP)

### **Resumo:**

*Nos últimos cinco anos venho me dedicando ao estudo de parte da correspondência do escritor João Antônio. Neste trabalho, apresento alguns documentos constantes na **Coleção Jácomo Mandatto**, como foi batizado tal agrupamento de textos. Em minha tese de doutorado discuto a imbricação entre o texto literário e o epistolar; aqui, abordarei outro aspecto importante suscitado por esta correspondência, qual seja, o de que a correspondência trocada entre João Antônio e o amigo Jácomo Mandatto fazia parte de uma das muitas estratégias de arquivamento criadas pelo escritor paulistano.*

**Palavras-chave:** João Antônio, Correspondência, Memória.

Mas não arquivamos nossas vidas, não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira; não guardamos todas as maçãs de nossa cesta pessoal; fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaques a certas passagens.

(Philippe Artières)

### **Introdução:**

Em uma primeira leitura desse acervo, certamente o elemento que chama mais atenção é o uso pragmático da troca de cartas entre o escritor e o jornalista, visto que a correspondência era uma espécie de “arma” de combate frente às vicissitudes do mercado editorial. João Antônio, desse modo, escrevia aos amigos e colaboradores espalhados pelo Brasil e pelo mundo a fim de, entre outras coisas, manter uma rede de contatos que pudesse contribuir na promoção de seus trabalhos. Claro está que a correspondência do escritor não se resumia a isto, sendo esta apenas mais uma de suas facetas, ainda que uma das que se impõem com grande importância.

---

<sup>1</sup> Telma MACIEL da SILVA (doutoranda)  
Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras de Assis.  
E-mail: telmaciel@gmail.com.

Vale dizer que apenas uma pequena parcela da correspondência do autor de *Malagueta, Perus e Bacanaço* está a disposição do público, pois parte significativa dela ainda não tem autorização para ser pesquisada e, portanto, mantém-se inviolada em seu acervo pessoal, localizado na UNESP/ Assis - SP. Tais conclusões a respeito do caráter pragmático apresentadas acima são, portanto, fruto da análise dessa outra parte, cuja autorização para pesquisa já foi alcançada ou, ainda, daquela que já foi publicada.

Esta primeira face da correspondência acima descrita dialoga diretamente com o tempo presente, ou seja, com o momento em que a carta foi escrita. Nas centenas de missivas que compõem a **Coleção**, é difícil encontrar uma em que os autores não tratem de questões práticas, como divulgação de novos trabalhos, escrita de textos críticos, elaboração de estratégias para aumento das vendas etc.

Há, entretanto, um outro aspecto bastante interessante. Nessa busca por divulgação e promoção, João Antônio enviava ao amigo uma quantidade significativa de documentos, que foi se configurando como um arquivo paralelo, tanto no que diz respeito àquela correspondência, quanto no que toca o próprio acervo pessoal do escritor. A **Coleção Jácomo Mandatto** tornou-se, assim, muito mais do que um agrupamento de cartas, pois elas eram sempre “recheadas” com textos de outras categorias, cujo fim imediato era dar subsídio aos trabalhos críticos do amigo.

O que nos interessa, contudo, é o outro aspecto que essa prática descortina. Ao remeter ao colega todo esse manancial que veremos com mais detalhe adiante, o escritor tinha em vista duas estratégias, a primeira, já abordada aqui, toca na importância de se manter “badalado” para que seus livros fossem vendidos. O outro aspecto, diferentemente deste que diz respeito ao tempo presente, nos remete tanto ao passado quanto ao futuro. A prática sistemática de enviar a Mandatto aquilo que segundo seus padrões deveria ser arquivado, demonstra a preocupação de João Antônio com a preservação de um tipo de imagem pessoal e, por conseguinte, toca na questão da memória.

A preocupação do escritor com a memória pessoal e coletiva pode ser observada também em sua obra ficcional, não sendo prerrogativa de seus textos mais “pessoais”. Nas cartas, contudo, ela surge de maneiras diversas: uma delas diz respeito ao ato de registrar o dia-a-dia, como em um diário íntimo, cujo fim é, entre outras coisas, preservar uma memória (almejada) de si mesmo, fazendo das cartas uma fonte de pesquisas biográficas futuras. A poetisa Ilka Laurito, uma de suas primeiras correspondentes, escreve também sobre esse aspecto apresentado pelas cartas do escritor que lhes foram enviadas: “Suas cartas a mim são uma espécie de diário íntimo, revelando projetos, sonhos, alegrias e desesperos” (LAURITO, 1999, p. 26). Assim, em alguns momentos, o autor de *Leão-de-chácara* aconselha o amigo Jácomo Mandatto a arquivar e preservar todos aqueles documentos que lhes eram enviados via correio, pois poderiam ser a base para a escrita de uma futura biografia.

Diante disso, fica patente que João Antônio estava consciente dessa dupla função assumida por sua correspondência com o jornalista e colaborador. Ela era essencial tanto para o reconhecimento imediato quanto para a preservação de seu nome depois de sua morte. A própria configuração do Acervo João Antônio é, aliás, um retrato dessa inquietação do autor perante as possibilidades de leitura de sua vida/obra em um futuro em que ele não existiria mais fisicamente. Seu acervo foi, portanto, sendo construído de maneira que fosse possível ter, ainda que minimamente, algum “controle” sobre aquilo que seria dito a seu respeito. É bem verdade que o autor sabia que este controle era bastante relativo, mas sabia também que o modo como aqueles documentos fossem arquivados certamente influenciariam nas leituras que se fariam deles.

Um exemplo curioso que poderia ser dado a esse respeito é a forma como João Antônio se refere às suas amantes ao longo de toda a correspondência com Mandatto. Para cada uma dessas mulheres com quem se relacionou – excetuando-se apenas aquelas com as quais manteve relações mais duradouras, a quem ele, aliás, se referia muito pouco – ele criava pseudônimos, atribuindo-lhes quase uma existência ficcional. Por meio dessa estratégia, o autor, ao mesmo tempo em que preservava o nome verdadeiro dessas mulheres, também não abre mão de narrar – às vezes com detalhes tão nítidos que nos soa como ficção – suas experiências sexuais, o que, mais uma vez, entendo como parte dessa estratégia de reforçar os traços que gostaria que fossem ressaltados nos perfis e biografias que eventualmente viessem a ser publicados após sua morte. Esse é um procedimento encontrado também nos livros *Carta aos amigos Caio Porfírio Carneiro e Fábio Lucas* (coletânea de cartas do escritor organizada por G. Giordano) e *Paixão de João Antônio*, biografia editada por Mylton Severiano.

### **Um militante da memória:**

A prática da memória, em seus vários modos, é algo que o autor cultivava quase que como uma obsessão. Dessa maneira, encontramos tais aspectos em sua obra ficcional, em seus textos ditos jornalísticos, em seus escritos de caráter íntimo e, obviamente, em seu acervo pessoal. Parece haver, contudo, ainda uma preocupação de “arquivista exemplar”, para usar uma expressão de Ana Maria Domingues de Oliveira (2006), pois o escritor não se contenta em arquivar, é preciso difundir aqueles textos entre os amigos e colaboradores, tornando-os também responsáveis pelo arquivamento de sua história pessoal e de sucessos editoriais.

Jácomo Mandatto é, nesse sentido, um interlocutor especial. Diretor da Casa Menotti Del Pichia e militante das causas culturais, Mandatto era alguém que sabia da importância de cada um dos “papéis” que lhes eram enviados via correio. Em cartas ao escritor, mais de uma vez afirmou que arquivava tudo que recebia e que certamente aqueles documentos viriam a ser de muita valia para o entendimento da vida/obra de

João Antônio. Este, por sua vez, não se furtava a pedir favores ao jornalista da pequena Itapira, interior de São Paulo. Para tanto, muitas vezes, fazia “promessas”, “elogios rasgados” e firmava compromissos que já havia firmado com outros amigos, como por exemplo, quando pede que Mandatto seja o “seu fiel depositário” e o elege “biógrafo e ensaísta”, coisa que também afirma ao escritor Wilson Bueno. Entretanto, essas pequenas “infidelidades”, são a meu ver, parte dessas inquietações diante do futuro. Um autor como João Antônio, que militava dia e noite em prol do reconhecimento de sua produção cultural, sabia que depois que sua voz fosse calada, era preciso que outras vozes tomassem o seu lugar; se assim não fosse, possivelmente o obscurantismo, que no início da carreira o tirou do mercado editorial por mais de dez anos, poderia voltar a esconder sua obra.

Enviar, nas cartas, documentos que considerava essenciais para análises futuras de sua produção, é, assim, uma garantia de que aqueles textos de algum modo seriam resguardados. Caso algo desse errado em seu acervo pessoal, havia um outro acervo, disperso, mas preservado. Nesse sentido, a experiência do escritor com o incêndio que destruiu sua casa no início da carreira, fazendo com que tivesse que “reescrever” *Malagueta, Perus e Bacanaço* é bastante emblemática. Segundo depoimentos do escritor e de amigos, a reescritura do livro de estréia só pôde ser feita com a reunião de datiloscritos que haviam sido distribuídos a amigos diversos, muitas vezes, por meio de cartas. Promover essa cópia de arquivo por meio da correspondência é, portanto, uma maneira de “garantir” a preservação da imagem almejada de si.

Com isso, o escritor conseguiu que essas coleções paralelas a seu Acervo pessoal desempenhassem, hoje, a função de complementar aquilo que por algum motivo, extravio ou algo similar, acabou faltando em sua própria compilação. A **Coleção Jácomo Mandatto**, por exemplo, continuou sendo alimentada mesmo após a morte de João Antônio, em 1996, já que seu tutor prosseguiu no arquivamento de textos publicados acerca do contista até doar todos os documentos à UNESP/Assis, em 2002. Vê-se, portanto, que a obsessão de João Antônio pela preservação da memória, traço presente em sua escrita nos mais diversos níveis, faz com que eleja, palavra usada por ele próprio, alguns amigos como guardiões de sua memória.

## **Função das cartas**

Como se vê, a correspondência do escritor desempenha papéis diversos em sua carreira, dentre os quais está o de promover a criação de “arquivos vivos”, que vão sendo levados a público de acordo com as decisões de seus detentores. Tal exercício arquivístico aparece na **Coleção Jácomo Mandatto** de várias maneiras: ora o encontramos “ensaiando” textos que posteriormente seriam utilizados em suas composições literárias, ora o vemos “guardar” documentos que lhe pareciam essências

para análise futuras. Assim, as mesmas cartas, que, se pensadas individualmente, suscitam um tipo de análise mais voltada à questão da prática intelectual e da disseminação desta, quando vistas em seu conjunto, permitem uma análise de cunho duplamente memorialístico, pois tocam na memória, tanto porque explicitam essa prática de sobrevivência no mercado editorial, quanto porque demonstram uma estratégia de preservação desta memória.

A consciência do escritor de estar construindo arquivos pessoais com cada um de seus correspondentes aparece de várias formas. No já citado texto da poetisa Ilka Laurito, é possível ver essa prática de maneira bastante explícita:

[...] num testemunho inédito, [João Antônio] elabora um verdadeiro tratado de sinuca que me envia – para satisfazer uma curiosidade minha – em duas cartas subseqüentes. Mais tarde, ele me pediria cópia dessas cartas de 13 e 15 de setembro de 1960 a fim de, por solicitação de Aurélio Buarque de Holanda, fornecer subsídios para os trabalhos do lexicógrafo. (LAURITO, 1999, p.31-32)

Como se vê, o escritor lança mão das cartas enviadas à amiga como forma de cumprir um compromisso profissional. Essas cartas, assim, perdem o *status* de depoimento íntimo, para ganhar um matiz de estudo, podendo ser reutilizado quantas vezes fossem necessárias, uma vez que não se destinava, de fato, a um único interlocutor, característica esperada na carta. Nesse sentido, importa lembrar que, para o autor de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, não há texto que não possa ser reutilizado. Muitos são os exemplos dessa prática em sua carreira; assim, narrativas escritas inicialmente para o jornal, por exemplo, ganhavam depois as páginas de livros.

Esse tipo de solicitação também aparece na correspondência entre João Antônio e Jácomo Mandatto. Na década de 80, por exemplo, a fim de ajudar a um amigo que precisava de informações sobre a agência Pettinati (na qual o escritor também trabalhara) para poder requerer aposentadoria, João Antônio pede a Mandatto que localize, nas missivas dos anos sessenta, informações sobre o processo que ele próprio chegou a mover contra a empresa. Vejamos:

Jácomo. Prezado.

Preciso de um favor teu. Um bom amigo quer – e merece – se aposentar. Trabalhou comigo na Pettinati e não tem nenhuma documentação. Assim, preciso descobrir o ano em que processei aqueles senhores. Você deve, pelas cartas que lhe enviei, descobrir isso. O meu amigo foi testemunha minha contra a pettinatifaria. Mas

não tem o ano nem coisa alguma. Veja, por favor, através de minhas cartas, o que consegue.(10/08/1982)

A esta solicitação, Mandatto responde da seguinte maneira: “Sobre aquele seu amigo José Simón Pons: os tempos da Pettinati são realmente de 1963/65. Você quer cópia de alguma carta daquela época? Avise-me” (12/09/1982). A função das cartas, nos dois excertos, é explicitamente arquivística. É como se o escritor, por meio da troca de correspondência com o jornalista ou com a poetisa, abrisse uma das pastas de seu acervo e sacasse dele as informações que necessita. O que é interessante observar no caso específico da carta enviada a Mandatto é que tais informações certamente poderiam ser encontradas também no próprio Acervo pessoal de João Antônio. Entretanto, ele, provavelmente por uma questão de comodidade e economia de tempo, opta por pedir auxílio ao amigo, com quem havia tratado diversas vezes sobre o episódio do processo que movera contra Pettinati.

Nos anos oitenta, por ocasião da troca de editora, o autor propõe a Mandatto que escreva um artigo “de fôlego” sobre *Malagueta, Perus e Bacanaço*, que estava sendo reeditado. Desta idéia inicial, nasceria a série de artigos intitulada “João Antônio: aberto para balanço”, um dos trabalhos mais completos acerca da produção do autor escritos à época, que levaria cerca de um ano para ficar pronto e ser publicado pelo *Suplemento Literário Minas Gerais*. Para a fatura desse trabalho, João Antônio enviaria centenas de páginas via correio, cuja função primeira era dar matéria crítica ao jornalista, mas também, ampliar ainda mais o arquivo que Mandatto vinha construindo. Nesse período, é comum o escritor questionar se o jornalista havia ou não recebido determinada remessa: “Tem recebido minhas remessas, verdadeiros pacotes? Responda” (25/07/1982). Às vezes, a carta segue com uma lista dos textos que tinham sido remetidos e que, portanto, deveriam ser copiados e devolvidos.

Em carta de 06 de fevereiro de 1981, ele assim escreve ao amigo:

Leio hoje, vinda de Belo Horizonte, a página contendo o segundo capítulo dos artigos que você escreveu sobre mim. Encimando a coisa, à esquerda, minha cara no tempo em que escrevi “Malagueta, Perus e Bacanaço”.

Não tenho dúvida de que se trata de um documento fatalmente importante, principalmente à medida em que o tempo for caminhando e caso eu continue a escrever e publicar com algum sucesso. O miserê do escritor pula nesse seu segundo artigo as série “João Antônio: aberto para balanço”. O Suplemento Literário “Minas Gerais” está dando uma tacada muito certa publicando esses cartigos (sic). Eles são e ficarão cada vez mais importantes.

Ao longo da correspondência é possível encontrar outros diversos exemplos da consciência do autor em, com Mandatto, estar construindo um arquivo paralelo ao seu. Vejamos esta carta remetida no ano de 1980: “Agora, quero lhe passar em absoluta primeira mão, as ‘orelhas’ de Leo Gilson Ribeiro, para *Leão-de-chácara* e Aguinaldo Silva, para ‘MPB’. Quero que as leia, opine, junte aos seus guardados draculíneos e mas devolva, pois, não tenho outra cópia”. (01/07/1980)

Em carta do ano seguinte, lê-se algo similar:

Saiu ontem na “Folha de São Paulo”, à página 28, uma crônica de Marcos Rey “Morre Babí” que, acho você deveria ler. É provável que ainda encontre o jornal por aí. Envio-lhe também este recorte da “Folha” de 27/abril com matéria sobre mim e uma opinião emitida por Marcos Rey sobre. Acho que vale a pena você colecionar, já que és meu fiel depositário e inventariante dracular. (13/08/81)

Neste momento da correspondência, a morte surge como um assunto constante. Tendo sofrido alguns problemas de saúde, João Antônio começa a discorrer sobre as finalidades da vida e sobre a iminência a que estivera da morte. Isso tudo o leva a dar início a uma espécie de plano de publicação de sua correspondência, sendo Mandatto um dos responsáveis pela organização.

Em 1983, há outra carta que é bastante representativa de mais uma prática arquivística do escritor. Em missiva de 02 de julho daquele ano, João Antônio envia cópia de duas cartas destinadas a ele próprio: uma delas é de José Paulo Paes, na qual o poeta e crítico fala de suas impressões, muito positivas, acerca de *Dedo-duro*. A outra está grafada em espanhol, aparentemente foi remetida por uma espécie de articulador de futuras traduções de João Antônio na Argentina, que assina apenas como Victor, sem sobrenome. Em ambas as cartas, com maior intensidade na de José Paulo Paes, seus autores fazem diversos elogios ao escritor de *Abraçado ao meu rancor*; na carta do agente estrangeiro esses elogios aparecem mais velados. Nesse sentido, vale observar que estas opiniões são caras a João Antônio, já que se trata de um agente estrangeiro e de um poeta e tradutor de renome no Brasil: “Novidades aos montes. Mando-lhe estas duas xerox pra você sentir o peso das novas. A carta de José Paulo Paes me sensibilizou bastante. Afinal, ele é um grande intelectual, bom poeta e tradutor incrível [...]”.

Encontraremos essa prática de arquivar textos de autoria de colaboradores “famosos” ao longo de toda a correspondência de João Antônio com Mandatto. Esses textos elogiosos deixam o escritor envaidecido de seu trabalho, fazendo com que deseje não apenas compartilhá-lo com os amigos, mas deixá-los arquivados para a posteridade.

Exemplos disso são as “orelhas” do livro *Dedo-duro*, escritas pelo escritor Jorge Amado; as já citadas “orelhas” de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, por Aguinaldo Silva, e de Leo Gilson Ribeiro, para *Leão-de-chácara*, todas enviadas ainda inéditas para Mandatto.

Além dessa categoria, temos ainda uma outra bastante interessante, que compõe a coleção de textos jornalísticos. Nela, é possível encontrar diversas tipologias textuais e, também, de órgãos de imprensa, abrangendo desde as grandes empresas até a chamada imprensa nanica, nome cunhado por João Antônio para designar os pequenos jornais. Assim, encontram-se nessa coleção textos do escritor que versam sobre muitos temas, tais quais a produção de Lima Barreto e Noel Rosa, dois autores de quem João Antônio se ocuparia em livro específicos, mas também em uma série de artigos espalhados pelo Brasil. Ali, é possível encontrar também textos publicados em jornal pelo escritor, mas que depois iriam compor coletâneas importantes, como por exemplo, o texto “Uma força” (*Abraçado ao meu rancor*, 1986), que veio a público no caderno cultural do jornal *O Estado de São Paulo*.

A produção crítica do amigo itapireense também aparece nesse agrupamento. São muitos os textos de Mandatto sobre o autor de *Malhação do Judas carioca*, que, a cada nova publicação, não hesitava em pedir ao colaborador que escrevesse artigos e os publicasse no maior número possível de órgãos de imprensa. Dessa forma, há alguns desses trabalhos que têm apenas o título e local de edição alterados, mas que apresentam conteúdo idêntico. Desses textos, certamente o mais importante é a já citada série de (cinco) artigos escritos no início dos anos oitenta, cujo original (datilografado) compõe a coleção.

O outro veio significativo dessa coleção de artigos são os textos críticos produzidos por outros autores e recolhidos na imprensa tanto por João Antônio quanto por Mandatto. Ali encontramos artigos de grandes nomes da intelectualidade brasileira, como Alfredo Bosi, Antonio Candido, Flávio Aguiar etc, mas também de críticos modestos. Importa dizer que, em termos numéricos, esta é, depois das cartas, a maior categoria que compõe a **Coleção**.

A descrição detalhada que fizemos dos artigos na primeira fase do projeto nos permite observar as especificidades de cada período. Exemplos disso são as décadas de Sessenta e Noventa, que apresentam, respectivamente, o lançamento de *Malagueta, Perus e Bacanaço* e a morte de João Antônio como temas centrais da maioria dos artigos. Enxergamos, no entanto, alguns traços comuns, que se mantêm ao longo destes quase quarenta anos de textos publicados sobre o escritor. Desde o livro de estréia são destacados o caráter revolucionário de sua escrita – abandono da sintaxe tradicional, inserção de gírias e de falas populares etc. – e a escolha do tema, do qual é salientada a identificação do narrador com as personagens, bem como a aproximação do contista com estas, como fator essencial de seu processo criativo.



## **Conclusão**

Vida e obra em João Antônio são elementos associados em todos os períodos que compõem a coleção de artigos. Infância pobre na periferia de Osasco, gosto pela vida boêmia, o incêndio que destruiu sua casa e os originais de seu livro de estréia e a sua atuação como repórter em órgãos importantes da imprensa brasileira são elementos que aparecem com frequência relacionados ao seu processo criativo.

Essa rápida descrição já é suficiente para dar uma noção do grau de importância destes documentos para o estudo da obra de João Antônio. Havia entre ele e o amigo uma espécie de acordo, implícito no começo, mas que ficaria explícito com o passar do tempo: era preciso guardar todas aquelas “conversas postais”, e tudo que dela derivasse. Assim, Jácomo Mandatto guardaria até mesmo os recortes de papel que usava para marcar onde, em quais daquelas centenas de artigos, estavam as informações de que ele ia precisando à medida em que produzia seus textos sobre a obra de João Antônio.

O grau de preservação de todos esses documentos é algo que chama bastante a atenção. Alguns deles, à época em que foram doados à UNESP/Assis (2002), completavam quarenta anos, mas mesmo assim ainda se apresentavam bastante preservados. Além disso, muitas das cartas foram escritas por João Antônio em papel “antigo” ou em folhas de seda, o que dificulta ainda mais a sua integridade. Mesmo com todas essas dificuldades, há poucos documentos que apresentam um grau elevado de degradação, o que demonstra o cuidado do arquivista ao longo das quatro décadas que se passaram desde o início de sua troca epistolar com o escritor até doar os textos para pesquisa.

Encerro este trabalho com um trecho escrito por João Antônio a outro amigo de longa data, o jornalista Mylton Severiano, e que também expressa a importância atribuída pelo autor às sua correspondência: “Quando eu morrer, meus amigos de fé herdarão minhas cartas. Tomara fiquem ricos”. (ANTÔNIO apud SEVERIANO, 2005, p.184)

**Referências Bibliográficas:**

ANTÔNIO, João. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

ANTÔNIO, João. *Cartas aos amigos Caio Porfírio Carneiro e Fábio Lucas*. (organizado por G. Giordano) Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

COLEÇÃO JÁ COMO MANDATTO. Assis: FCLAs.

LAURITO, Ilka Brunhilde. João Antônio: o inédito. *Remate de Males* n. 19: João Antônio, Campinas, 1999. p . 25-53

OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de. João Antônio, profissão escritor. In: PETERLE, Patrícia et al. *Escritura e sociedade: o intelectual em questão*. Assis: UNESP, 2006.

SEVERIANO, Mylton. *Paixão de João Antônio*. São Paulo: Casa Amarela, 2005.